

Marcelo Freddi Lotufo. *Cada um a seu modo*. São Paulo: Edições Jabuticaba, 2020. 148 p.

A arte conserva, e é a única coisa no mundo que se conserva [...], mas a única lei da criação é que o composto deve ficar de pé sozinho.

Gilles Deleuze e Félix Guattari

É mais do que citada a explicação de um escritor, ao entregar um texto que lhe fora encomendado: “está longo assim porque não tive tempo de fazê-lo curto”. Marcelo Lotufo não corre esse risco. É evidente, pelo resultado logrado, que o autor dedicou o imprescindível tempo longo para pensar, corrigir, refazer ou experimentar os cinco contos deste breve livro. Convenhamos que colocar a literatura acima da presunção autoral e a favor do tom despretensioso é uma escolha inesperada num ficcionista estreado.

Cada um a seu modo surpreende desde a primeira leitura, pela disposição funcional do conjunto, sem exclusão de observações sobre nosso contexto. Assim, os motivos das narrativas são atravessados por preocupações comuns a todos nós, e controlados por temas na maioria das vezes ao redor da família, o que também nos diz respeito. O ritmo produzido pelo jogo e pela variação dos narradores acentua o sentido dos contos, pela mudança da direção do olhar que se sucede.

Exemplifico: “O tempo dos beija-flores” e “Passacaglia literária” são narrados na primeira pessoa, o que permite que se correspondam apesar da diferença de tom, abrindo para nós o cenário das preocupações filosóficas e literárias do autor. De um lado, os beija-flores são utilizados como senha à especulação dos possíveis saberes sobre o valor e o sentido

da literatura, do tempo e dos sentimentos. Nada disso é simples. Como já afirmou Carlos Drummond de Andrade, em 1941, "lutar com palavras é a luta mais vã". Por outro lado, também se disse que o valor não pode ser objetivado ou conceituado, porque é "exterior ao mundo" (Prado Jr., 2004:11). Se isso nos pode levar à dúvida e à desistência da luta, por outro lado, "O tempo dos beija-flores" nos oferece poeticamente um consolo, levado pela observação de que o voo dos beija-flores talvez possa nos resgatar.

"Passacaglia literária" retoma o mesmo tema em outro tom, agora direto e pragmático, desde a pergunta insistente "o que é literatura?". A investigação se desenrola ciente de que nada "é menos estimulante do que respostas prontas. Nada é menos literário. [...] literatura é algo que habita os limites da sua própria definição, evadindo aqueles que tentam explicá-la". Mas o narrador, escritor e jornalista, bem ou mal tem que explicá-la a partir de uma incumbência de trabalho.

"Passacaglia", que eu saiba, é uma tradução do espanhol "pasacalle", originalmente significando uma composição de ritmo muito vivo, tocada nas ruas em festas populares. Nada mais apropriado à narrativa do que esta definição, que baixa a literatura de suas supostas especificidades para situações concretas. Agora entra também em cena o ter de ganhar a vida. Assim, um narrador meio indisposto busca apoio em seus trabalhos anteriores, afobadamente, com um "ritmo muito vivo", pois tem de "terminar a encomenda no curto prazo de que dispunha".

O que interessa imensamente no conto é justamente o desenvolvimento das etapas necessárias para se construir qualquer texto. Outra vez, de modo claro e desta vez não alusivo, como em "O tempo dos beija-flores", o narrador nos mostra sua situação concreta, ao lado de nosso lugar de leitores.

"Pássaro rebelde" e "Dia nublado" são escritos na terceira pessoa, que estabelece a distância necessária para a análise. Assim podemos afirmar que este último é um dos melhores contos do conjunto, encerrando o livro com chave de ouro. É centrado nas providências a tomar e nas consequências de uma morte em família, com seu farrancho de

interesses financeiros e desavenças pessoais meio encobertas. Somos agasalhados, junto com o personagem, numa aprendizagem do sofrimento.

Finalmente, o conto número dois retoma o tema de *A Casa de Bonecas* (1879), de Henrik Ibsen. A peça escandalizou a Europa na época por se tratar de uma mulher, Nora Helmer, que abandona lar e filhos em nome da realização pessoal. Como todos sabemos, a consciência é um produto histórico, com desenvolvimento não simultâneo onde se propaga. Não por acaso, Lotufo escolheu retomar a peça de Ibsen, no momento retrógrado em que vivemos. O conto é narrado a partir da aliança da primeira e terceira pessoas, que falam de lugares diferentes, embora na mesma casa. Como resultado, temos uma espécie de texto espelhado, em que o sentido do desencontro de um casal em crise é esclarecido pela fala em primeira pessoa do filho pequeno, enquanto conversa com um adulto incógnito, funcionando como uma espécie de máscara, fora dos holofotes.

O que considero de interesse particular em todos os contos, que são diferentes, mas tem a atravessá-los um mesmo fio, concentra-se no *timbre* da voz do narrador, que nos convence de sua autenticidade. Às vezes essa voz se aproxima do ensaio, como foi dito, mas se mostra sempre despojada diante do leitor, puxando-o para dentro do texto que escreve.

Escolho, para encerrar, o fragmento número 12 de “O tempo dos beija flores”, com o seguinte comentário a *O Lobo da Estepe*, de Herman Hesse: “[...] pior do que nunca encontrar o que se procura, é descobrir que aquilo que procurávamos era exatamente o que escolhemos deixar para trás e ao qual já não podemos mais retornar”.

Deste modo, Lotufo nos entrega uma das chaves não só deste conto, mas do livro inteiro, que podemos resumir na impossibilidade de controlar satisfatoriamente a vida. É só um exemplo da vocação investigativa desses textos. A citação está no meio de um conjunto de vinte e três fragmentos. Como um número ímpar ao se dividir não dá conta exata, essa não-coincidência sublinha, pelo desencontro, o engano e a perda irrecuperável do que por distração deixamos para trás. Às vezes não por distração, porque o narrador está completamente concentrado na elaboração da escrita, com a promessa de alcançarmos o que resta invisível nas entrelinhas.

TRABALHOS CITADOS

Prado Jr., Bento. *Erro, ilusão, loucura*. São Paulo: Editora 34, 2004. p.213.

Deleuze, Gilles; Guattari, Félix. *O que é a filosofia?* Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. 2.ed. São Paulo: Editora 34, 1997.

Vilma Arêas

Escritora